

Problema da análise de René Girard do desejo triangular em *Dom Quixote*

ANA LUÍZA DUARTE DE BRITO DRUMMOND

Graduanda em Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa e Bacharelado em Estudos Literários) pela Universidade Federal de Ouro Preto. e-mail: analuizadrummond@yahoo.com.br

Resumo: Apresentamos neste trabalho uma breve análise da teoria do desejo triangular, proposta por René Girard, na qual o crítico se apoia em algumas obras literárias clássicas, entre elas, *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote da Mancha*, de Cervantes, para defender sua teoria. Girard procura explicar a presença da novela do "Curioso Impertinente" como a prova da percepção do desejo triangular por Cervantes. Nesse sentido, procuramos apresentar a construção da argumentação de Girard e sua precipitada conclusão.

Palavras-chave: René Girard. *Dom Quixote*. Desejo triangular.

Resumen: Presentamos aquí un breve análisis de la teoría del deseo triangular, propuesta por René Girard. Para defender su teoría, el crítico se apoya en algunos clásicos de la literatura, entre ellos *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, de Cervantes. Girard trata de explicar la presencia de la novela del "Curioso impertinente" como prueba de la percepción del deseo triangular en Cervantes. En consecuencia, se presenta la construcción de la argumentación de Girard y su conclusión precipitada.

Palabras clave: René Girard. *Don Quijote*. Deseo triangular.

René Girard (2009) foca sua crítica naquilo que ele chamará de desejo triangular. Triangular, pois é o triângulo, segundo o crítico, a melhor metáfora para expressar a tripla relação que une sujeito desejante, mediador e objeto. Nesse sentido, Girard inicia seu texto mostrando como esse desejo pode ser percebido no *Dom Quixote*, de Cervantes, e, para isso, ele começa com uma citação em que Dom Quixote fala a Sancho sobre quem foi Amadis de Gaula. Bem sabemos que O Cavaleiro da Triste Figura tem por base e medida de suas ações todo o heroísmo que ele leu nos romances de cavalaria, em especial, no *Amadis de Gaula*, romance pelo qual ele nutre grande admiração, especialmente pela figura do protagonista homônimo. Envolto em toda essa admiração, de acordo com Girard, D. Quixote não escolhe mais os objetos de seu desejo, mas passa a desejar os objetos que Amadis de Gaula teria escolhido. Assim também ocorre com Sancho Pança, o fiel escudeiro de Dom Quixote. Para Girard, Sancho só deseja ser dono de uma ilha porque esse desejo lhe foi sugerido por Dom Quixo-

te. Nesse caso temos, de um lado, Amadis de Gaula como mediador do(s) desejos(s) de D. Quixote e, do outro, D. Quixote como mediador do desejo de Sancho.

Depois dessa introdução, René Girard fará o que ele mesmo chama de “volta ao mundo”, passando por Flaubert, Stendhal, Proust, Dostoiévski e retornando a Cervantes, procurando – e, por isso, encontrando – em todos esses romancistas a presença do desejo triangular. Cabe destacar, em meio a essa viagem, a questão da distância entre sujeito e mediador, que Girard elabora comparando as personagens stendhalianas a D. Quixote.

Em Cervantes, o mediador reina num céu inacessível e transmite ao fiel um pouco de sua serenidade. Em Stendhal, esse mesmo mediador baixou à terra. Distinguir claramente esses dois tipos de relacionamento entre mediador e sujeito é reconhecer a imensa distância espiritual que separa um Dom Quixote dos vaidosos mais inferiores dentre as personagens stendhalianas. A imagem do triângulo não pode nos reter de modo duradouro a não ser que permita essa distinção, a não ser que nos permita medir, num relance, essa distância. Para alcançar esse duplo objetivo, é suficiente que se faça variar, no triângulo, a *distância* que separa o mediador do sujeito desejante.

É em Cervantes, obviamente, que essa distância é a maior (GIRARD, 2009, p. 32).

A partir disso, Girard elabora duas categorias em que as obras romanescas se agrupam segundo o desejo triangular. São elas: a) “*mediação externa* quando a distância é suficiente para que as duas esferas de possíveis, cujo centro está ocupado cada qual pelo mediador e pelo sujeito, não estejam em contato”; e b) “*mediação interna* quando essa mesma distância está suficientemente reduzida para que as duas esferas penetrem com maior profundidade uma na outra” (GIRARD, 2009, p. 33). Como exemplo, podemos citar para a) a relação (ou distância) entre D. Quixote e Amadis de Gaula e para b) a relação entre Julien Sorel e Mathilde de la Mole. Cabe ressaltar ainda que essa distância é unicamente espiritual, ou seja, não tem nenhuma relação direta com a distância física. Por isso, Sancho, indiferente de estar sempre próximo a D. Quixote, permanece sempre submisso a seu mediador, pois sua mediação é a mediação externa.

De retorno à “volta ao mundo” de Girard, novamente em D. Quixote, mas agora na outra ponta, ele nos apresenta um brevíssimo resumo da novela do *Curioso impertinente*, mostrando sua relação com *O eterno marido*, de Dostoiévski. *O curioso impertinente* é, para Girard, a presença da mediação interna na obra de Cervantes. E conclui:

A presença simultânea da mediação externa e da mediação interna no âmbito de uma mesma obra confirma, a nossos olhos, a unidade da literatura *romanesca*. E a unidade dessa literatura confirma, reciprocamente, a de *Dom Quixote*. Provamos uma pela outra como se comprova que a terra é redonda ao dar a volta a seu redor. O poder criador é tão intenso no pai do romance moderno que ele se exerce sem dificuldade em todo o “espaço” romanesco. Não há uma só ideia do romance ocidental que não esteja presente nem Cervantes sob forma de germe. E a ideia dessas ideias, a ideia cujo papel central fica confirmada a cada instante, a ideia-mãe a partir da qual se pode reencontrar tudo, é o desejo triangular [...] (GIRARD, 2009, p. 75).

É muito aceitável – apesar de discutível – hoje em dia que todas as ideias do romance ocidental já estavam presentes em *Dom Quixote*, mesmo que apenas de forma embrionária. Mas, a nosso ver, Girard não comprovou o motivo da presença da novela do *Curioso Impertinente* no romance de Cervantes. Por quê? Bom, se a questão é relativa ao desejo triangular tendo como base uma mediação interna para contrastar com a mediação externa presente no romance, podemos facilmente encontrar essa mediação interna em outros capítulos de *D. Quixote*. Vamos a eles.

Estando D. Quixote numa cabana junto com Sancho e alguns cabreiros, chega um moço com a notícia de “que morreu esta manhã aquele famoso pastor estudante chamado Grisóstomo, e murmura-se que morreu por amor daquela endemoninhada moça Marcela, a filha de Guillermo, o rico, aquela que anda com traje de pastora por esses ermos” (CERVANTES, 2010, p. 150). Então D. Quixote pede a um dos cabreiros que lhe narre a história de Marcela. Um deles assim o faz. Marcela, cuja mãe morreu no parto, cresce sobre a guarda de seu tio, que tenta casá-la com seu consentimento quando a menina completa quase 15 anos. Marcela era possuidora de uma beleza tão grande que “ninguém a olhava sem dar graças a Deus, que tão formosa a havia criado, e a maioria ficava enamorada e perdida de amor por ela”, por isso seu tio a mantinha sobre grande recato e muito encerramento. Apesar disso, sua fama espalhou-se por léguas ao redor, e seu tio começou a ser importunado por numerosos pedidos de casamento. Marcela, que não se sentia “capaz de suportar as responsabilidades do matrimônio”, torna-se pastora. Sua formosura faz com que todos a amem e sirvam-na, “mas seu desdém e desengano os levam ao extremo de suicidar-se, e assim, não sabem o que dizer-lhe além de chamá-la aos gritos de cruel e mal-agradecida, e outros títulos a estes semelhantes, que bem a qualidade de seu caráter manifestam” (CERVANTES, 2012, p. 156). Podemos ler essa história pela ótica de Girard da seguinte forma: Marcela é o objeto de desejo e todos os que a desejam são, de alguma forma, sujeito desejante e mediador interno de outrem. De acordo com o texto de Girard, essa leitura é plenamente possível. Ele diz que “para que um vaidoso deseje um objeto, basta convencê-lo de que esse objeto já é desejado por um terceiro a que se agrega um certo prestígio” (GIRARD, 2009, p. 31). Sabemos que a fama da beleza de Marcela atinge léguas ao redor, o que faz com que o número de sujeitos desejantes e, conseqüentemente, de mediadores, cresça paralelamente. Sabemos também que os que têm mais chance de terem-na por esposa são exatamente os que têm mais a oferecer ao tio, ou seja, os mais ricos e nobres. Quanto mais cresce a fama de Marcela, mais cresce o desejo dos amantes, levando alguns até ao suicídio. Para Girard, “apenas o ser que nos impede de satisfazer um desejo que ele próprio nos despertou é verdadeiramente objeto de ódio”. Podemos tomar essa nossa análise como errada quando pensamos que sua ligação não está tão clara com o desejo triangular, pois o mediador não tem uma presença tão clara nessa história quanto na novela do “Curioso Impertinente”. E isso é verdade. Porém, essa visão permanece apenas enquanto lemos a história contada pelo cabreiro, ou seja, vista de fora. No capítulo XIV, em que se lê a canção que Grisóstomo escreve antes de suicidar-se, temos uma versão de um dos “apaixonados” por Marcela. Nessa canção, convém destacar a seguinte estrofe:

Pode-se, porventura, em um instante
esperar e temer, ou é bom fazê-lo
sendo as causas do temor mais certas?
Tenho, se o vil ciúme está diante,
de cerrar estes olhos, se hei de vê-lo
pelas feridas da minh'alma morta?
Quem par em par não abrirá a porta
para a desconfiança, quando mira
descoberto o desdém, e as suspeitas,
oh, amarga conversão!, verdadeiras feitas,
e a verdade mudada em vã mentira?
Oh, no reino do amor feros tiranos
zelos!, ponde-me um ferro nestas mãos!
Dá-me, desdém, uma torcida soga.
Mas, ai de mim!, que, com cruel vitória,
vossa memória o sofrimento afoga.
(CERVANTES, p. 174).

Fica-nos claro, nessa estrofe e com o diálogo que ocorre depois da leitura da canção, que Grisóstomo, mesmo sabendo da bondade de Marcela, fustigava-se com “os ciúmes imaginados e as suspeitas temidas como se fossem verdadeiras”. Bem sabemos também que, para Girard, a relação entre sujeito e mediador é puramente espiritual e é, obviamente, espiritualmente que Grisostómo sente-se traído, provavelmente por acreditar que Marcela (objeto) poderia casar-se com *outro* (mediador) que não ele (desejante). É cabível aqui a citação de Proust que Girard traz em seu texto: “Em amor, o rival feliz, ou, por outra, o inimigo, é o nosso benfeitor. Se não tivéssemos rivais, se não os julgássemos ter... Pois não é necessário que existam de fato” (*apud* GIRARD, 2009, p. 47). E ainda, a citação de Dostoiévski: “Se soubéssemos analisar melhor os nossos amores, haveríamos de ver que muitas vezes as mulheres só nos atraem por causa da concorrência de outros homens a que temos de disputar-lhas; suprimida a concorrência, desaparece o encanto da mulher” (*apud* GIRARD, 2009, p. 70). Em realidade, Grisóstomo não possui diretamente *um* mediador interno. São inúmeros os amantes de Marcela, e ele sequer precisa conhecê-los para saber que eles existem, pois eles já existem numa ideia geral, numa fama que cresce, e, antes de tudo, eles existem em sua mente. Cabe ressaltar também que todos os que amam Marcela a amam pela sua beleza. Conforme ela mesma afirmará depois, se fosse feia, ninguém a desejaria dessa forma. Eles a desejam por que todos os *outros* também a desejam, por que todos os *outros* também a consideram bela. A beleza aqui é puramente física. Marcela torna-se exatamente um objeto, um troféu para aquele que conseguir ostentá-la a seu lado. Imaginá-la com outro não é sentir-se triste porque perdeu o amor de sua vida, mas, sim, porque perdeu o objeto que o fazia melhor que todos os *outros*, que mostraria sua superioridade. Todos a amam pura e simplesmente pela cópia do amor que eles roubam de outrem. A canção de Grisóstomo e seu suicídio não têm nada de original; por mais que tentem mostrar um amor maior, mais puro, é pura cópia, pois outros também fizeram o mesmo por Marcela. Em relação a isso, podemos destacar o seguinte trecho do texto de Girard:

O vaidoso romântico não se quer mais discípulo de ninguém. Ele se convence de ser infinitamente *original*. Por toda parte, no século XIX, a espontaneidade se torna dogma, destronando a imitação. Não nos deixemos enganar, insiste Stendhal, os individualismos professados com tanto alarde escondem uma nova forma de cópia. Os enfados românticos, o ódio à sociedade, a nostalgia pelo deserto, tanto quanto o espírito gregário, não encobrem, na maioria das vezes, nada mais que um interesse mórbido pelo *Outro* (GIRARD, 2009, p. 38-39).

O trecho faz referência a Stendhal, mas podemos perfeitamente encaixá-lo no personagem de Grisóstomo. Sendo assim, podemos considerar que essa é mais uma das ideias que já estavam presentes em Cervantes, e que não é tão particular assim do século XIX, conforme aponta a citação.

Para não alongar demais essa análise, convém somente citar outra história presente em *O Engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha*, em que podemos perceber a presença do desejo triangular proposto por Girard. Na história de Cardênio temos, dentre outros, quatro personagens principais, que são Cardênio, Lucinda, D. Fernando e Doroteia. D. Fernando é um nobre que se acredita perdidamente apaixonado por Doroteia, uma formosa moça, mas de baixa posição social. Ele conhece Cardênio numa empreitada que este fará para o duque, pai de D. Fernando. D. Fernando torna-se amigo de Cardênio, diz a ele que desposará Doroteia, Cardênio tenta impedi-lo, porém sem sucesso. Mais tarde D. Fernando passará um tempo na casa de Cardênio, onde descobrirá Lucinda, que ama Cardênio há um tempo e é correspondida por ele. D. Fernando, acreditando estar apaixonado por Lucinda, e, devido à sua posição social, consegue desposá-la. Lucinda finge suicídio, Cardênio desaparece acreditando no bom sucesso do casamento. No fim todos se encontrarão na estalagem que D. Quixote acredita estar encantada. O que convém destacar nessa história é que D. Fernando deseja Lucinda unicamente por saber que ela é desejada por seu amigo Cardênio. Doroteia foi apenas uma aventura do nobre, que a usou e depois a abandonou. Tanto procede essa análise que, no episódio da estalagem onde tudo se resolve, Cardênio volta a unir-se a Lucinda e Doroteia a D. Fernando. A semelhança dessa história com a do “Curioso Impertinente” é grande, tendo em vista que em ambas a relação de amizade está diretamente ligada à relação da mediação interna. Mesmo nessa ligeira análise podemos perceber que Cardênio é o mediador interno de D. Fernando, e Lucinda, o objeto, assim como Lotário é o mediador interno de Anselmo, e Camila, o objeto.

Para finalizar, é interessante notar que a análise que Girard faz do “Curioso impertinente” é muito válida, pois ali o desejo triangular, tendo por base a figura do mediador interno, fica muito clara. O que defendemos aqui é apenas que essa análise não explica, conforme acredita o crítico, a presença dessa novela na obra de Cervantes. Girard se mostra tão preso a essa teoria que acaba negligenciando alguns fatos do romance, como, por exemplo, o suicídio de Anselmo (que não ocorre).

Como uma tentativa de entender a presença da novela do “Curioso impertinente”, podemos pensar que Cervantes, além de se referir a si mesmo no romance, no episódio em que o Cativo se lembra de um prisioneiro de guerra de sobrenome Saavedra (o último nome de Miguel de Cervantes) e, até onde vão as pesquisas biográficas do autor, elas indicam a prisão de Cervantes conforme falada pelo Cativo, Cervantes

apresenta durante o *D. Quixote* o nome de outras obras de sua autoria. Por que incluir uma novela totalmente alheia ao romance, mas contada por um personagem *do* romance? Ora, a questão é: por que não? Se Cervantes é tido como o pai do romance moderno, em que todas as ideias já estão presentes, essa é, “apenas”, outra ideia original. Por que a novela do “Curioso Impertinente”, e não outra, como, por exemplo, *Riconete y Cortadillo*, que é referida no romance? Bom, essa resposta ainda não temos. Ao que parece, a novela só tem relação com a obra como um todo na medida em que ela está *dentro* da obra (*mise en abyme*). Fora isso, ela não tem nenhuma ligação com os personagens, com o enredo ou com espaço do grande e clássico *Dom Quixote*.

Referências

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha*. Trad. José Luis Sánchez e Carlos Nougué. São Paulo: Abril, 2010 (2 vols.).

GIRARD, René. O desejo “triangular”, in: *Mentira Romântica e Verdade Romanesca*. Trad. Lília Ledon da Silva. São Paulo: Ed. Realizações, 2009.